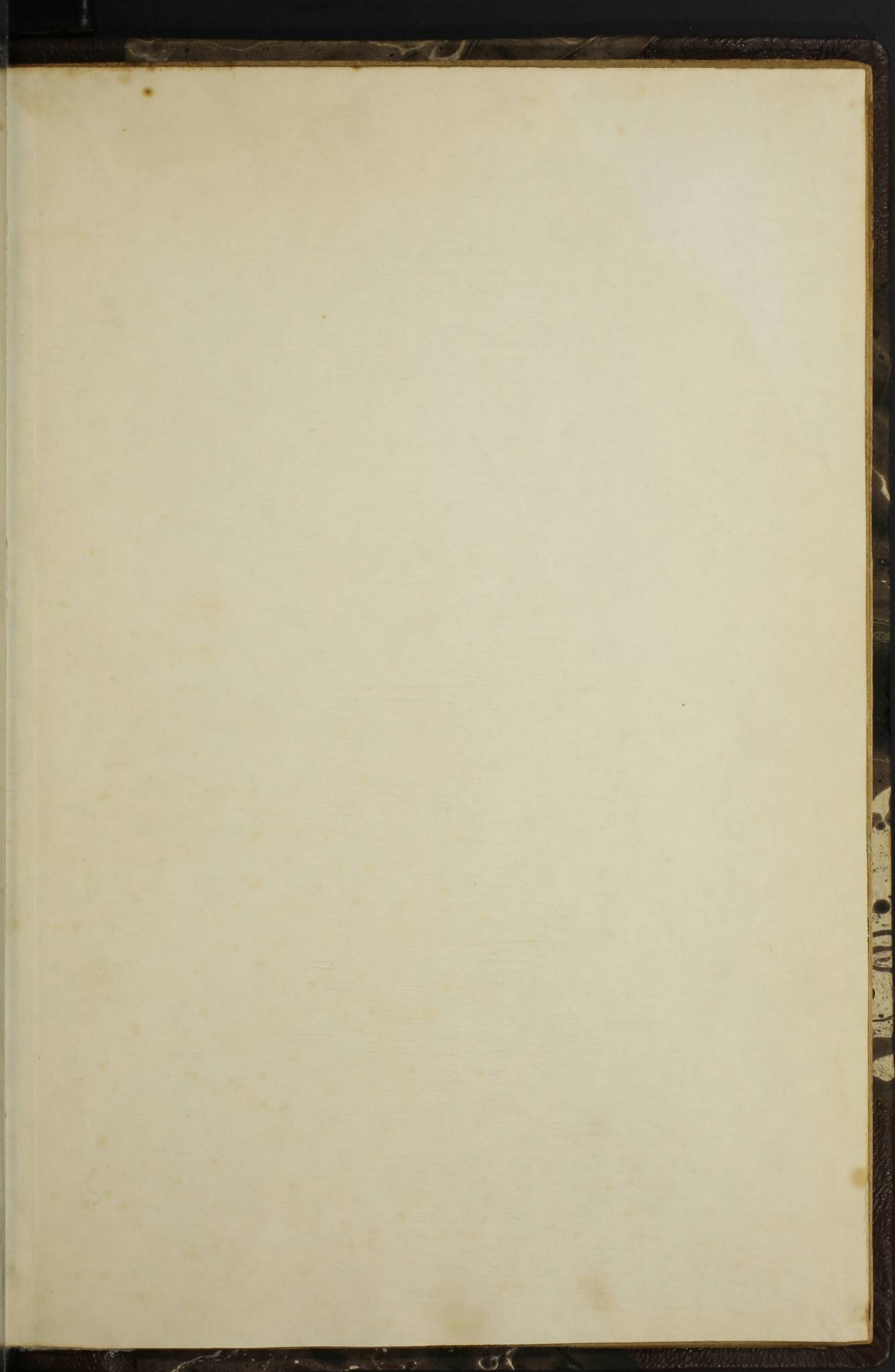


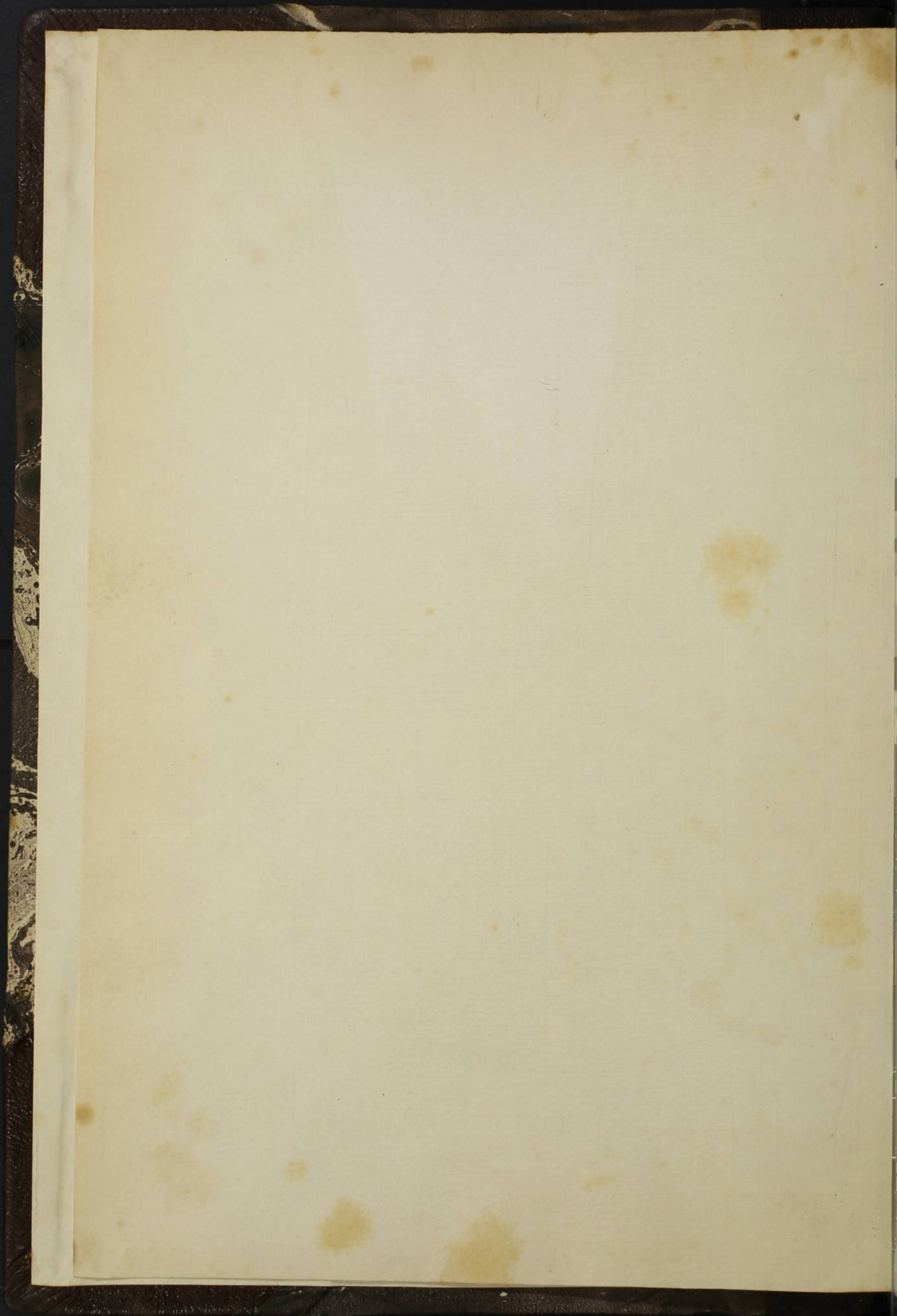


Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



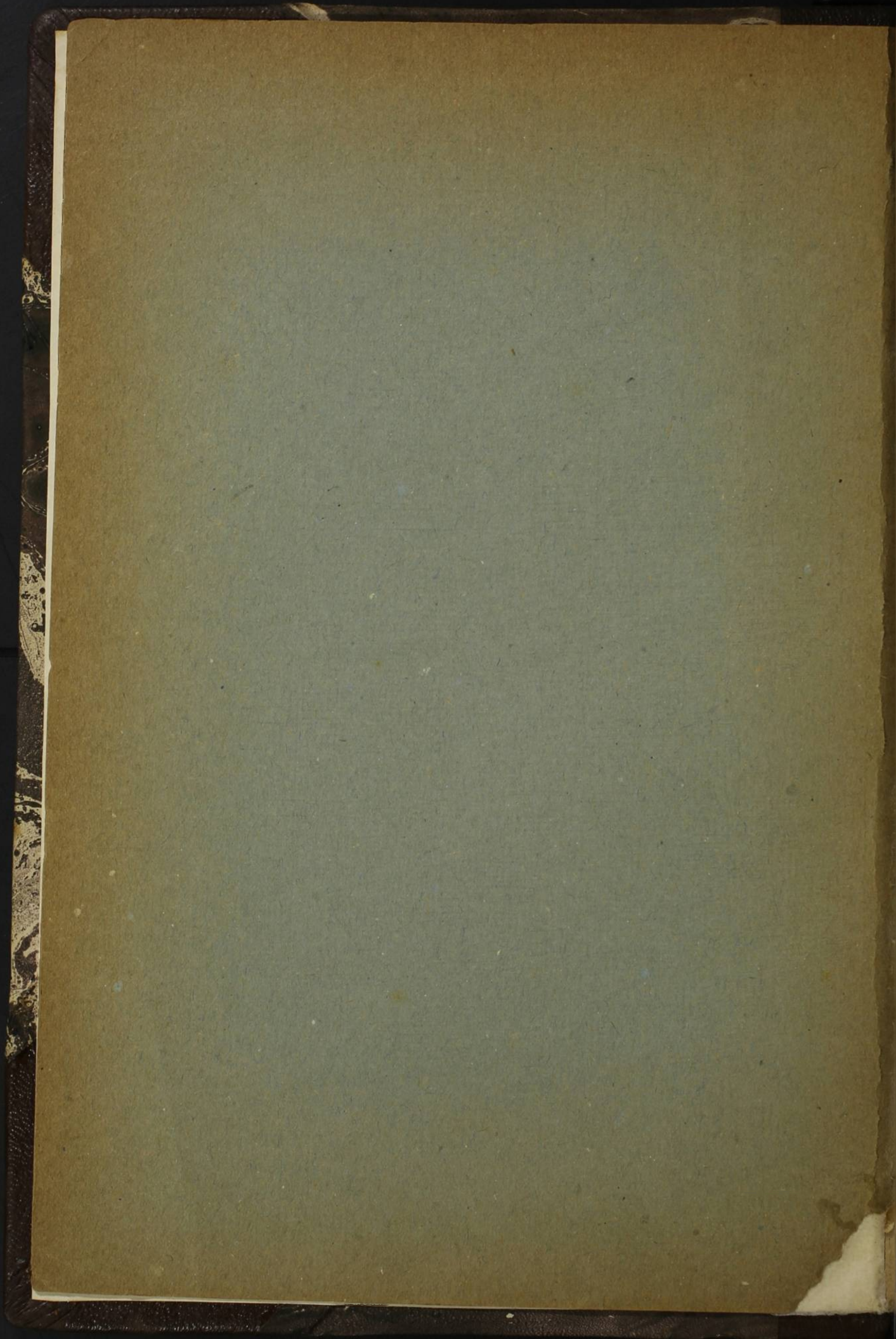


MÁRIO DE ANDRADE

A NAU CATARINETA

Separata da
REVISTA DO ARQUIVO
N.º LXXIII

DEPARTAMENTO DE CULTURA
SÃO PAULO — 1941



SK

c/cantos

A NAU CATARINETA

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

MÁRIO DE ANDRADE

O romance português, a que se dá geralmente o nome de "A Nau Catarineta", é sem dúvida de todos os romances de origem ibérica, o que persiste até agora com maior freqüência e em seu texto integral, na memória popular brasileira. Isto se deve especialmente a ter êle tomado forma dramática entre nós, incluído como episódio final de um dos nossos bailados, a Chegança dos Marujos. Ora esta chegança, já agora com outros nomes também, ora chamada "Barca", ora "Fandango", ainda é freqüentemente dançada por todo o Nordeste nas festividades de fim e de comêço de ano. Isso permitiu a conservação muito viva da Nau Catarineta, enquanto os outros romances portugueses já desde o século passado rapidamente se obliteravam no Brasil e fugiam da nossa tradição popular.

A "Nau Catarineta" é um dos casos curiosos da literatura de língua portuguesa. O nome da nau, a probabilidade do assunto, a data de origem do romance são outros tantos problemas que já-mais ficaram perfeitamente esclarecidos.

Qual a data de origem do romance?... Foi Garret, em 1851, quem primeiro recolheu algumas versões da "Nau Catarineta" e a estudou. Conforme o sentimento do tempo, Garret não apresentou o romance nos textos tirados do natural, mas compôs uma versão dêle, erudita, alimpada de deficiências, embora o mais honestamente aproximada das versões populares que conhecia. Segundo a opinião de Garret (1, vol. II p. 56) o romance data do

fim do séc. XV, ou é quinhentista. Que eu saiba, ninguém nunca se lembrou de discutir esta afirmativa, dentre os que estudaram o romance. Se referindo à descrição do naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, na qual desde Garret se julga ver a probabilidade histórica da "Nau Catarineta", Luiz Chaves (2, vol. XXX, p. 174 e ss.) comenta que "esta narrativa da *História Trágico-Marítima* é posterior a 1565, ano em que o caso se deu. Não quero dizer que fôsse esta nau a do romance, nem que êste possa ser anterior a esta data; justifica-se a origem e limita-se a data"... Não compreendo bem esta frase escrita em português de Portugal, ou provavelmente ela será obscura mesmo aos Lusitanos... Querêr Luiz Chaves afirmar que "a Nau Catarineta" é garantidamente posterior a 1656?... Por que? se o romance, no parecer do próprio Luís Chaves, não se inspira diretamente no naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho?...

Aliás, poderíamos afirmar com garantia absoluta de verdade, que a "Nau Catarineta" é um "romance velho", pelos menos nas versões que conhecemos atualmente?... Se de muitos outros romances velhos possuímos o texto em pliegos sueltos datados do séc. XVI (3); se alguns outros estão em manuscritos dêsse e do século anterior; se cronistas e autores dramáticos, Gil Vicente, António Prestes, nomeiam títulos, citam versos ou se referem a muitos romances velhos; não sei de ninguém, de absolutamente ninguém que tenha coligido nenhuma versão, nem descoberto nenhuma referência antiga a êste romance da Nau Catarineta. E isso é espantoso, se tratando dum poema tão profundamente português, tão generalizado na península ibérica e nas colônias portuguesas. Um cronista português, o autor da *Última Nau Portuguesa* publicada em 1891, Teodoro José da Silva (apud 4, p. 17) falando da primeira metade do séc. XIX e da polca que então entrara em moda e fizera os Portugueses esquecerem o "Pirolito", a "Maria Cachucha", o "Beijo à Saloia", o "Rei chegou", e o "Passarinho Trigueiro", avança êste comentário curioso: "Creio mesmo que só então deixou de cantar-se a antiga e popular romança "A Nau Catarineta", uma espécie de — papão, vai-te embora — com que os avós, desde o princípio do século, vinham entretendo os serões e acalentando os netos". E' probabilíssimo que o "desde o princípio do século" seja data escorregada por leviandade da pena do autor, tanto mais que êle se refere a avós cantando; mas em verdade, pelo que eu sei, a versão mais antiga existente da "Nau Catarineta" é a de Garret, dos meados do séc. XIX. E a tradição histórica mais antiga conhecida, que se possa comparar ao romance, mas em prosa e não em verso é a que está na antologia de Bernardo Gomes de Brito, a *História Trágico-*

Maritima, que data de 1736. E' certo que o antologista se utilizou de documentos mais antigos ou tradições orais, mas também é verdade que nada autoriza a afirmar que o romance da Nau Catarineta provenha diretamente do naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho.

Afonso de Taunay (5, p. 36) descobriu uma fonte nova importantíssima, anterior a tudo isso, e que é de admirar seja ignorada de quantos estudaram a questão. Lendo a enciclopédia de Churchill, *A Collection of Voyages and Travels*, não escapou à atilada curiosidade do erudito historiador que os capuchinhos Miguel Ângelo de Gattina e Dionísio Carli de Piacenza colhiam em 1666 uma versão *do caso* da nau Catarineta "absolutamente diversa das que geralmente conhecemos". Tive a felicidade de perseguir a lebre opima, levantada por Afonso de Taunay, no original italiano de 1687, que é *Il Moro Transportato* de Dionísio Carli de Piacenza (6, p. 19 e ss.). E' uma documentação tão importante que me sinto no dever de popularizar o que jaz oculto em livro raríssimo:

"Costumano li Portoghesi in questo passaggio dell'Equinoziale far la loro festa, da essi detta Galliofa (em itálico no texto), per impetrar da Dio l'uscita felice da un varco tanto funesto. Quelli, che mai più nauigarono sotto la Linea, sono astretti à pagare, ò denari, ò cosa mangiatiua, ò qualche altra sorte di merce, non escludendo alcuno, etiamdio Capitano, ò Capuccino, pigliando da noi Corone, Agnus Dei, Medaglie, e simili; il che tutto messo all'incanto, di quel denaro si celebrano poi tante Messe per l'anime del Purgatorio. Frà questi se v'è qualche stretti di borsa, che voglia litigare il tributo, li Marinari vestiti da Birri conducono questo legato dauanti al tribunale, oue siede un Marinaro tutto togato, il quale fà da Giudice, che costituendo, interrogando, e decretando, sententia il Reo ad'essere trè volte gettato al Mare, in tal modo. Stà appesa ad un pennone dell'albero Trinchettò una girella di legno con dentro una corda, alla quale legato, i sospeso il Reo, lo lasciano cadere à piombo sotto acqua per trè volte, rileuandolo però subito in aria; e pure v'è sempre qualche stitico, e disgratiato, à cui tocca le beffe; lo stesso pur si costuma al capo di Buona Speranza, al Stretto di Magaglianes, & in altri luoghi di simili difficoltà. Nel vallicare poi della Linea, ci spirò sempre un'aura felicissima à tutta pienezza di vele, che al certo non ci voleua meno, per la terribile corente d'acqua, che incontrammo, che si pose di bel nuouo in stato tale, che fummo in pericolo di perderci.

Poscia alquanto auansatisi, col mancare il vento, ci mancò ogni refrigerio, per il che di nuouo restammo afflitissimi, sì per la vehemenza del calore, che per anche non era cessato, come per la mancanza de viuere, ch'era vicina, e massime *fatti occulati* (os

itálicos são meus) dal sfortunato successo, che interuene pur nel medemo luogo *poch'anni sono* all'infelice Vascello detto Cattarineta. Questo carico de pretiosissimo tesoro, partito da Mari di Goa, con una calma assitita da tutte le gratie, fece scale al Brasil; di doue partito con prospero vento, spiegò le vele verso Lisbona; nel passare della Linea, sorpreso da grand'incendio, morì il Piloto, e poco più auanti morirono tutti gl'officiali, e persone più pratiche, quasi dissi abruggiati in quelle acque, a segno, che rimanendo il Vascello come Poledro sbrigliato, in libertà di vagare al capriccio dell'onde, *errò miseramente sette mesi* per questi Mari infidi, per lo che consumati i viuere, uccisi i Gatti, i Cani, & Sorci, e fattili viuanda, *mangiate fino le scarpe*, tranguggiata ogni più schifosa immondeza, mancato affatto il vitto, mancò parimenti la vita, non vi restando di 400 uomini che erano, che cinque persone. Frà questi viuendo il Capitano aggitato dalle furie di quei pensieri, che importano la Morte, considerò il tal urgenza, che perdendo la vita, perdeua ancora la riputatione; imaginandosi, che la fama mentitrice propalarebbe una marca infame di fuga, impretiosita in Paesi stranieri, col trasporto di tanto tesoro; per il che propose alli Compagni la sorte de chi doueua morire, per soccorrere il cibo necessitoso al viuere delli quattro sopra viuuti: all'horrida proposta non fù chi contradicesse (vedendo tutti il caso disperato) mà ben si con viue espressioni procurarono escludere il loro Capitano dal colpo di questa sorte inhumana; *doppo varie proposte, e risposte, & alternate contese*, giurò il Capitano di no voler sottrahersi dalla Morte, si gli fosse toccata, tanto più ragioneuole, quanto più necessitosa. Gettato da tutti finalmente il dado, assortì distratiatamente la morte all'infelice Capitano, quale da gl'ltri deplorato, e compatito, mentre raccomandaua l'anima sua à Dio, determinarono essere da Cattolico ben sì il morir tutti, mà da Barbaro l'insanguinarsi del Compagno; al che Iddio concorrendo, *inspirò ad uno d'ascendere sopra la gabbia dell'albero maestro*, doue egli guardando, scoperse un non sò che d'oscuro; del che auuisatone il Capitano, anch'esso salito sopra l'albero, conobbe col Cannochiale quella vista esser di terra ferma, alla quale al meglio che puotero, voltarono la prora; & iui arriuati, viddero esser una Città posseduta dalla loro natione; sbarcati, si portorono subito dal Gouvernatore, al quale fecero un fedel racconto de loro sfortunati accidenti; furono da questi humanamente accolti, e gratiosamente di tutto il bisognueuole ristorati. Mentre colà dimorarono, per ordine de Medici *furono necessitati, per meglio della loro salute, fare una buona purga*; nel progresso della quale, due de più estenuati, e derelitti dalla natura, resero l'anima al creatore; gl'altri trè, per la singolarità de remedii, e medicamenti, si fecero sani. Doppo che

resi à S. D. M. le debite gratie, e complimenti al Gouvernatore, risarcito il Vascello, s'incamminarono verso Lisbona; nel porto della peruenuti, uno delli trè, che per la natura non ben consolidata (era già ricaduto nella Nauigatione) se ne morì. Finalmente sbarcarono il Capitano, & il Marinaro frà tanti rimasti, quali subito si portarono all'udienza del Rè, auanti al quale esposero la flebile narratiua de loro auenimenti funesti. Quella Maestà compatendo, e consolando, feceli regalare di doni considerabili; dicchiarò il Capitano Almirante della Flotta, & il Marinaro Capitano d'un Vascello durante la loro vita".

E' talvez arrôjo decidir se a prosa de Dionísio Carli é já reduzida do próprio romance e escutado de alguém que o sabia decor, ou se de leitura de algum livro em prosa ou folha volante. Dionísio Carli era ótimo observador. Todo o livro dêle demonstra um espírito curioso, esperto, paciente, destinado a etnógrafo. Se é certo que também reporta, como era costume na inocência do tempo, carapetões da marca maior, v. g. os homens marinhos que enxergou (mas à distância de quatro milhas...) no mar etiópico, não chega propriamente nunca à mentira conciente e de iniciativa própria. As pêtas que reproduz, são lhe contadas por outrem e provadas sempre a quatro milhas de lonjura. Porém quando se trata de descrever, Dionísio Carli o faz com uma clareza e uma pormenorização de etnógrafo predestinado, a que só faltou o espírito científico atual para ter se tornado um dos melhores reportistas do tempo. Assim, a gente percebe da extrema minuciosidade com que o frade descreve os sucessos da nau Catarineta, que êle está sintetizando período por período, o que vai lendo, ou então escutando de alguém que recita ou canta de-cor. Frases como "doppo varie proposte, e riposte, & alternate contese", ou, "da gl'altri deplorato, e compatito, mentre raccomandaua l'anima sua à Dio, determinarono essere da Cattolico ben sì il morir tutti, mà da Barbaro l'insanguinar-se del Compagno": provam, creio que decisòriamente, o viajante estar reduzindo a descrição mais curta, diálogos e frases, longas de discurso. Ora justo os romances, especialmente os romances velhos, e exatamente o atual romance da Nau Catarineta, são de construção dialogada, sem descrições que, como já falei alhures, são sempre evitadas o mais possível pelo criador popular. Mas esta argumentação não prova definitivamente que o capuchinho esteja reduzindo a prosa italiana um romance em verso português. Esta é no entanto a minha opinião. Grifei no texto italiano algumas frases que coincidem diretamente com o texto atual da "Nau Catarineta". Poderão me redarguir que essas poucas de frases são insuficientes para determinar se trate do romance, e escutada? Neste caso qual a data da relação?... Ou já seria a

que a um espírito paciente e pormenorizador como o de frei Dionísio Carli, não teria esquecido indicar expressamente se tratar duma poesia cantada, ou mesmo lida... Sim, mas é também possível contradizer esta observação, lembrando que o freire deixou de mencionar expressamente o romance, ouvido durante a "Galhofa", porquê faz uma evocação dêle ao relatar suas próprias reflexões apreensivas pela calmaria sobrevida logo após a passagem do Equador. E' fácil de analisar a associação de idéias que levou o cronista à fatal omissão de indicar tratar-se dum romance cantado: Frei Dionísio Carli se dispôs a descrever as diversas cerimônias festivas que faziam parte da tal "Galhofa" portuguesa. Contou pois primeiramente, como era de razão, que os Portugueses imploravam de Deus a "uscita felice da um varco tanto funesto". Continua depois na descrição doutra cerimônia, o batismo dos que ainda não passaram a linha, e o seu próprio desejo de pormenorizar, o leva a uma digressão contando que essas brincadeiras são ainda usadas noutras passagens agourentas do mar, o cabo da Boa Esperança, o estreito de Magalhães e "in altri luoghi di simili difficoltà". Essa consideração esclarecedora o levou a uma nova consideração esclarecedora, que ainda conduziu para mais longe da Galhofa, quem naquele tempo não tinha absolutamente razão nenhuma par se conservar rijamente na descrição duma para êle de nenhuma importância, brincadeira de mar. E foi que, ao denunciar os lugares difíceis, considerou porém que a-pesar-da dificuldade da passagem do Equador, esta se fêz para êles relativamente com facilidade pelos ventos que sopraram e permitiram ao navio vencer as correntes marinhas. E logo veio a nova coisa importante a contar: Sim, passamos a linha sem dificuldade, porém ficamos logo em enorme aflição porquê veio a calmaria, o calor bateu veemente, o navio parou e vimos se aproximar o momento em que faltariam víveres a bordo.

E neste momento da sua crônica é que o cronista, por nova associação de imagens, se recorda do caso da nau Catarineta, que escutara durante a Galhofa, ainda viva na sua lembrança, e que estava descrevendo no parágrafo anterior da sua escrita. Por tôdas estas proximidades, e com o desleixo de escritura do tempo, recontou o escutado, chamando certamente para junto de si o cantador do romance. Cantador ou representador?... O malvado do freire deixou de-fato escapar uma frase terrível, que é de suma importância histórico-folclórica para a nossa *Chegança dos Marujos*.

Eu venho sustentando que esta Chegança não me parece uma obra que nasceu do seu próprio assunto, mas é uma rapsódia de assuntos ajuntados, celebrando os trabalhos do mar português. Acrescentei mesmo que a representação do romance na Nau Ca-

tarineta, não me parece a causa originária da *Chegança dos Marujos*. Pereira da Costa (7 p. 248) sem dar suas razões, afirma perentoriamente que a *Chegança dos Marujos* “vem, não há dúvida, do episódio do romance da Nau Catarineta”. Mas pelo seu “não há dúvida” se percebe que ele discutiu dentro consigo a possibilidade de outras origens ao bailado brasileiro. Ninguém mais, creio, sequer se lembrou de estudar essa questão. Só Teófilo Braga (3, vol I, p. 437) especificou bem claro que em Portugal a “Nau Catarineta” permaneceu exclusivamente cantada como romance, só no Brasil tomando forma teatral. Ora Dionísio Carli deixa escapar uma frase muito sintomática, que parece indicar que já nos meados do séc. XVII o romance tinha forma teatral e era representado pelos marujos portugueses à passagem do Equador. E’ quando, enumerando as razões pelas quais “restammo afflittissimi” (creio que ele se refere só aos capuchos de bordo, pois o resto da maruja de-certo não se queixaria do calorão, nem se acovardava ante a primeira calmaria que caísse; e muito menos a oficialidade...) com a parada do navio, diz: “e massime fatti oculati dal sfortunato successo, che interuene pur nel medemo luogo poch’anni sono all’infelice Vascello detto Cattarineta”. Parece indiscutível que ele quer dizer que os capuchinhos, assistiram à representação (fatti oculati, feitos testemunhas oculares) do drama da Nau Catarineta, e foi principalmente a lembrança do drama que os acovardou assim, aflitíssimos. O detalhe da purga coletiva, idéia popularmente cômica, freqüente no teatro popular, que sobrevive em muitas versões do Bumba-meu-Boi, parece corroborar a idéia de que houve teatro. Aceita esta minha interpretação das meticolosas palavras do frade, se concluirá que pelo menos desde o séc. XVII, o romance da Nau Catarineta se convertera em dança-dramática que os marujos das naus portuguesas representavam em certas ocasiões perigosas de viagens, em que carecia tirar as apreensões do espírito. Quem canta seu mal espanta. Era pois um brinquedo exclusivamente marítimo, representado sobre o mar. Mas aportou no Brasil e aqui se resguardou em terra firme, com os marinheiros que trocavam terra nova por tradição.

Ainda tem um detalhe na crônica de frei Dionísio Carli, curioso de observar. Diz o frade que o desastre da nau Catarineta se deu “poch’anni sono”. Que valor poderá ter uma informação destas, santo Deus!... Teriam lhe dito isso, com a mesma levandade com que lhe mostraram a quatro milhas de distância uma... coisa informa, se mexendo na viração do mar, o tal de homem-marinho indiscriminável à vista e “cor de delfim”?... Estaria acaso êsse detalhe cronológico indicado na relação impressa ou

data deduzida pelo próprio freire de alguma frase de início, também identificável ao início do romance atual "Faz sete anos e um dia", que é apenas mais um exemplo da tradição universal do número sete?... Em todo caso, e é mais uma prova de que já se tratava do romance em verso, pouco depois frei Dionísio Carli emprega expressamente o número folclórico tradicional, para nos contar que o navio fantasma "errò miseramente sette mesi per questi mari infidi". Êste detalhe parece mesmo dar mais veracidade à indicação mais vaga "poucos anos antes", que não indica número no cuidadoso escritor...

O nome da nau do romance é outro problema não resolvido até agora. Terá havido alguma nau denominado "Catarineta" na primeira metade do séc. XVII português? Não se sabe documentadamente da existência de algum barco português chamado Catarineta, Caterineta ou Catrineta, como nomeiam a nau do romance. No entanto Pedro A. d'Azevedo (2, n.º X, p. 326) assinala a existência em 1520 duma galé francesa do Mediterrâneo, chamada Catherinette. Isto já nos avança muito: o nome existiu de-fato, pelo menos em França, e os marujos sempre foram classe praticamente internacional. Talvez êste dado possa aproveitar aos que ligam a origem do romance da Nau Catarineta ao naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, pois que êste foi prêso por corsários franceses. Talvez d'aí proviesse a idéia de dar o nome duma nau francesa ao barco desarvorado... A mim me parece porém que o nome da nau fantasma, oriundo ou não do dessa nau francesa, é mais propriamente um designativo impessoal, um nome-símbolo, sem função histórica nenhuma. E assim ficou. Na mesma *Chegança dos Marujos*, que recolhi, se vê a nau Catarineta nomeada fora do episódio que dramatiza o romance. Neste caso ainda poderão argumentar que isso derivou da proximidade do romance e é sempre uma referência à nau dêste, porém Pedro Fernandes Tomaz (8, p. 164) colheu uma canção velhusca, possivelmente do séc. XVIII, que fala em nau Catrineta, sem nenhuma referência ao romance, usado bem como nome-símbolo, numa quadra solta duma cantiga de levantar ferro:

A grande nau Catrineta
Tem os seus mastros de pinho;
Olé, olé, olé,
Marujinho, bate o pé!

E' bem a impessoalidade lendária do nome-símbolo.

Há também o caso interessante da palavra "catarina" ou "catrina", que além de termo de relojoaria e da gíria dos pedreiros lisboetas, é vez marítima, para nomear uma roldana grande que está dependurada na cábreia. Serve para içar cargas de muito

pêso. Nem o Morais clássico, nem Figueiredo lhe designam êste sentido marítimo. J. G. Daupias (9, n.º VII, p. 47), de quem colhi estas informações, acha que "catarina" ou "catrina" é deturpação faceta de "cadernal", "roldana grande, de vários gornes". Sou incapaz de decidir por mim até que ponto Daupias terá razão, mas tenho uma espécie de sentimento de que o termo técnico, na sua acepção marítima, teria se originado das acepções similares terrestres, por associação, grata aos marujos, com o nome-símbolo da nau Catarineta...

Foi o próprio Garret quem inventou a boa suposição de que a Catarineta do romance teria vindo do "nome popular de algum navio favorito; diminutivo de afeição, posto na Ribeira-das-Naus a algum galeão Santa Caterina, ou coisa que o valha". Teófilo Braga, o que mais exhaustivamente e com maior insistência estudou o romance, baseando-se na idéia de Garret, lembra que era comum as naus terem alcunha, além do nome. E como provável fonte de nomeação do navio fantasma, recorda o galeão quinhentista Santa Caterina do Monte Sinai, de beleza e luxo muito particulares, eternizado em gravuras do tempo (V. "Lusitânia", VIII, 1925), celebrada por Gil Vicente nas *Côrtes de Júpiter*. Pereira da Costa (7, p. 251) no seu afã de provar que o romance é inspirado no naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, avenda sobre esta hipótese, mais outra hipótese: por uma versão açoriana do romance nomear a nau de "Santa Catarina" em vez de "Caterineta", e por causa da nau Santa Catarina (do Monte Sinai?) (10, vol. III, p. 323) ter a alcunha de Zambuco, acha que Zambuco deve ser corruptela de Pernambuco, e que portanto a nau Catarineta do romance, nome dado pra despistar pelo poeta criador, era mesmo o navio do naufrágio de 1565!...

E' certo que em tudo isto há muito boa vontade e boa dose de imaginação. A nau que levou Joaze de Albuquerque Coelho se chamava Santo António, "humna nau nova de duzentos tonéis por nome Santo António, que estava carregando no porto da Vila de Olinda para fazer viagem a esta Cidade de Lisboa; de que era Mestre André Rodrigues, e Piloto Alvaro Marinho", conta a *História Trágico-Marítima* (11, p. 10). Portanto a nau não tinha a alcunha de Zambuco, que era dado à nau Santa Catarina que nunca esteve em Pernambuco, e que se já tinha o apelido popular de Zambuco, é mais que provável não tivesse um segundo, de Caterineta. Além disto, para destruir enormemente a ligação do caso geral, contado pelo romance, com o naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, o barco dêste era uma nau nova (quem sabe mesmo se saída dos próprios estaleiros pernambucanos?...) que estava carregando em Olinda, ao passo que na versão mais antiga

do caso da nau Catrineta, que é de Dionísio Carli, se tratava duma nau já carregada de tesouros em Goa e fazendo escala no Brasil. Positivamente não me parece se tratar do mesmo barco. Aliás nem mesmo o nome da nau Santa Catarina do Monte Sinai pode-se dizer tenha inspirado de qualquer forma a criação do romance. Santa Catarina é devoção generalizada entre os marítimos de Portugal e Quirino da Fonseca em seu estudo sobre "A Caravela Portuguesa" (Imp. da Universidade, Coimbra, 1934, p. 537 e ss.) recenseia nada menos de cinco caravelas lusas do séc. XVI, chamadas "Santa Catarina" (mas nenhuma Catarineta). Isto é suficiente para provar pelo devocionário português que se trata bem de um nome símbolo. Nas quadrinhas de Portugal, Santa Catarina "com seus cabelos louros" é quem vai por mar, às "terras de mouros", junto com os guerreiros lusos...

Ainda há um fato importante a observar. E' que geralmente os romances velhos, saídos da História e dos cronistas, conservam sempre um nome que permite uma tal ou qual identificação. Não creio que o nome do "capitão", de Jorge de Albuquerque Coelho, seria desprezado se se tratasse do jovem herói. Inda mais se fôsse o próprio poeta áulico Bento Teixeira Pinto o versejador do romance, como na infelicíssima hipótese de Pereira da Costa. Despistar por que? O costume do tempo era justamente o contrário, nomear, nomear desabaladamente. E de resto não há por onde ligar o verso mesquinho da *Prosopopéia* à simplicidade e comoção da "Nau Catarineta". Não é crível que apenas um século depois, Dionísio Carli não reportasse o nome ilustre, ao sintetizar a narrativa. O povo gosta de dar nome aos bois, muito embora em seguida deforme à vontade êsses nomes. Porquê o que lhe interessa não é propriamente celebrar o indivíduo Fulano de Tal, mas a síntese de sentimentos e heroísmos humanos que êle simboliza. Porém como não pode, na sua mentalidade, agarrar bem os símbolos abstratos, covardia, coragem, pureza, amor conjugal: o nome deformado ou não, como que corporifica o símbolo num ser que se pode amar, venerar, repudiar. Creio mesmo que essa é a principal razão pela qual o teatro é de tôdas as formas de arte a mais dogmática e a mais moralmente eficaz nas massas populares, porquê nele as idéias normativas e as paixões tomam a forma humana dos personagens.

No romance da nau Catarineta, o navio é que é o próprio herói, êle é o símbolo. E já estava assim concebido desde o freire italiano, "infelice Vascello detto Catarinetta". O Capitão, o Gageiro-Diabo convite à perdição da alma, a tormenta, a fome, o salvamento, são conseqüências do heroísmo social que o navio simboliza, e foi o maior trabalho português. Por isso lhe deram no-

me à nau, como se fôsse o Conde Claros, o Bernal Francês, a Dona Ausenda ou Santa Izabel. Se é certo que alguns romances velhos não trazem nome do herói-símbolo, e mesmo os romancinhos franceses e espanhóis (Conf. 12, p. 174 e ss.; 10, III, p. 328 e ss.) aparentáveis ao romance português da Nau Catarineta, não nomeiam sequer o navio, e ainda por esta mesma última razão: tenho a impressão de que a "Nau Catarineta" não deriva de nenhum fato histórico, mas é simplesmente uma tradição internacional, convertida pelos Portugueses na sua criação popular mais perfeita.

E de-fato nada autoriza a afirmar que os romancinhos franceses e espanhóis, assimiláveis ao romance português, sejam versões saídas dêste. Cantam geralmente o caso de fome a bordo e do tirar a sorte sobre o homem a ser comido, que Teófilo Braga acertadamente lembrou (10, III, p. 314) ser tradição marítima antiga, referida por Tácito na *Vida de Agrícola*.

Luiz Chaves (2, XXX, p. 174 e ss.) que, melhor que os outros, analisou o processo rapsódico, eminentemente popular, de construção do romance, distinguiu nele três temas ajuntados: a) A viagem de regresso duma nau, e suas conseqüências catastróficas; b) O incidente demoníaco do Gageiro-Diabo; e "o romance cruzado de Santa Catarina".

A ligação do episódio do Gageiro-Diabo ao episódio do regresso desastroso da nau, é incontestável, Luiz Chaves prova mais, que se a viagem de regresso, no caso, é de direita inspiração portuguesa (como também já o indicara J. J. Nunes, 13, II, p. 275), o incidente demoníaco é de origem tradicional peninsular, remontando às Gestas e Linhagens medievais. Não sei onde Garret teria se baseado, para afirmar que o maravilhoso do Diabo não era elemento tradicional ibérico!

Onde a argumentação de Luiz Chaves fraqueja um bocado mais, a-pesar-de habilíssima, foi no ligar à "Nau Catarineta" o romance de Santa Catalina, "atualmente espanhol", só para justificar o nome da nau. Na verdade o romance de Santa Catarina que êle reproduz na versão de Oña (Burgos), é uma obra visivelmente espúria, mesmo considerada sob o ponto-de-vista popular, pois que o seu final foi continuado pelo contexto do romancinho asturiano de "El Marinero del Agua", que é justamente o segundo tema entrado na rapsódia da "Nau Catarineta", isto é, o incidente demoníaco.

O romance de "El Marinero del Agua", ou "El Marinerito", ou "O Marinheiro" ou ainda "A Marinheira", como o chamam por aí além, está divulgadíssimo pela península ibérica e países

hispanoamericanos. E' curioso e talvez seja distração minha, mas não me lembro de já ter encontrado alguma versão brasileira dêle. Em Portugal o romancinho parece ter fixado residência em Trás-os-Montes. Teófilo Braga, no seu estudo sôbre a "Nau Catari-neta", não deixou de o lembrar, dando duas versões dêle, ambas dessa região, e ainda mais outra da mesma terra no seu *Cancio-neiro* (14, I, p. 526). Ainda de Trás-os-Montes, colheu-se mais duas versões, publicadas na "Revista Lusitana" (2, IX, p. 281 e 319).

Para que se compare e se compreenda em seguida a argumen-tação de Luiz Chaves, eis duas versões do "Marinheiro". Esta, espanhola, foi colhida na Argentina (9, p. 33):

Entre San Pedro y San Joan
Hicieron un barco nuevo,
El barco era de oro
Y sua anclas de acero.
Una nocha muy obscura,
Cayó un marinero al agua,
Y se presentó el Demonio
Diciéndole estas palabras:
— Marinero, qué me das
Si yo te saco del agua?
— Te doy todos mis navíos
Cargados con oro y plata.
— Yo no quiero tus navíos
Ni tu oro, ni tu plata,
Yo quiero que cuando mueras,
A mi me entregues el alma.
— Mi alma la entrego a Dios,
Mi cuerpo al agua salada.

Eis uma versão portuguesa de Maçores (2, IX, p. 281), curiosa pela mudança de sexo do marinheiro, coisa que não su-cede nunca nas versões espanholas, e que se liga ao ciclo do "Se-questro da Dona Ausente":

Gritos dava a marinheira,
Gritos que se afundava,
O Diabo le respondeu
Dum cabeça donde estava:
— Quanto deras, marinheira,
Quem das águas te tirara?
— Dava-te um navio d'ouro,
E outro de prata lavrada.
— Não quero teu navio d'ouro,
Nem o de prata lavrada;
Quero à hora da tua morte
Escritura da tua alma!
— Oh maldito sejas tu
Mai-la tua palavra!
Minha alma é de Deus,

Mais da Virge' Sagrada;
Meu corpo é dos peixes,
Mais da água salgada.

Ora, existe um romance espanhol de Santa Catalina muito apreciado das crianças dos países hispânicos, de que eis a versão íntegra, dada pela *Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas* (15, II, p. 63) :

En Cadiz hay una niña
Que Catalina se llama;
Su padre es cazaor de perros,
Su madre una renegada.
Todos los días de fiesta
Su madre la castigaba,
Porque no quería hacer
Lo que su padre mandaba.
Un día la mandó hacer
Una rueda de navajas.
La rueda ya estaba hecha,
Catalina arrodillada!
Y bajó um ángel del cielo
Con la corona y la palma:
— Sube, sube, Catalina,
Que Dios del cielo te llama!

Êsse é realmente o romance completo de Santa Catarina, de que também Ramón A. Laval (apud 16, IV, p. 77) colheu versão bem diferente em Carahué, no Chile :

La Santa Catalina
Era hija de un rey
Un día en la plegaria
Su padre la encontró.
Su padre era pagano,
Su madre no lo era.
— Yo mato a Catalina
Porque no me obedece.
Traedme mi cuchillo,
Mi hacha y mi puñal!
Traen al rey sus armas
Y mata a Catalina.
Los ángeles bajaron
Cantándole la gloria.

Ora no romanceiro infantil, por curiosa associação (e aliás é vêzo mesmo infantil, reunir peças musicais curtas e diversas, principalmente nas rodas...) êste romancinho de Santa Catalina foi continuado pela dialogação do "Marinheiro". Ficou assim uma rapsódia de bastante absurdo, que em geral (Argentina, Cuba, 16, III, p. 62) se confina ao domínio infantil. Eis a versão de Catamarca, na Argentina (17, p. 32) :

En Galicia hay una niña,
Catalina se llamaba,
Todos los días de fiesta

Su padre la castigaba.
Su padre era um perro moro,
Su madre una renegada;
Mandan hacer una rueda
De cuchillas y navajas,
La rueda ya estaba hecha,
Catalina arrodillada.
Y bajó un ángel del cielo
Con su corona y su espada:
— Catalina, sube, sube,
Que el Rey del cielo te llama!
Y mientras iba subiendo
Cayó un marinero al agua.
— Que me das tu, marinero,
Si yo te saco del agua?
— Te doy todos mis navíos
Cargados con oro y plata.
— Yo no quiero nada de eso,
Lo que yo quiero es tu alma.
— El alma la entrego a Dios
Y el cuerpo al agua salada.

Me parece incontestável que este romance de Santa Catarina, nada tem que ver com a constituição técnica nem ideativa da "Nau Catarineta". Mas Luiz Chaves se aproveita da fusão dos romancinhos de "Santa Catarina" e do "Marinheiro" para argumentar que "o romance teria sido conhecido em Portugal"... De-fato o é. Há pelo menos uma versão dos dois romances fundidos, recolhida na Beira Baixa (Conf. 2, XIV, p. 16). Mas Luiz Chaves continua: "O conhecimento que o menestrel da "Nau Catarineta" tinha deste romance e do sucesso de uma outra cena como a do canibalismo da nau de Jorge de Albuquerque Coelho, cruzaria as gestas e daria origem ao único romance português integral, da época dos Descobrimentos e das grandes navegações. O nome provirá talvez: 1.º — Da associação de nome entre o romance de Santa Catarina e o nome da nau visada, ou apenas da associação de assunto; 2.º — Da vulgarização do romance, do que adviria a familiaridade do diminutivo à Santa em alguma das suas invocações". Mas Dionísio Carli veio invalidar toda esta argumentação. Já no séc. XVII o caso da nau Catarineta era conhecido, com este mesmo nome de nau, sem que estivesse ligado a nenhum romance de Santa Catarina que por sua vez estivesse já fundido ao do "Marinheiro".

O que concluir de todas estas considerações ajuntadas?... Minha opinião de observador de estudos alheios é que o romance rapsodiado atual da Nau Catarineta é obra anônima, relativamente moderna, provavelmente completada, na sua integridade contemporânea, durante o séc. XVIII. Deriva dum romance velho, do séc. XVI, que foi a grande época de constituição dos romances

tradicionais. A mais antiga versão conhecida é a de Dionísio de Carli, que muito provavelmente ainda guarda o assunto primitivo integral. Cantava o regresso das Colônias, duma nau chamada Catarineta que, surpreendida pela tempestade, desarvorada, navegou errabunda pelo oceano, teve fome a bordo, os sobreviventes chegando mesmo a cuidar de se alimentarem de carne humana tirada por sorte. Nisto se descobriu terra, a nau se salvou e o seu Capitão foi recompensado.

Não é possível de forma alguma decidir que êste romance velho celebre particularmente o naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, muito embora, como reconhecem os autores desde Garret, de tôdas as histórias trágico-marítimas de Portugal, só o naufrágio de 1565 se aproxime bastante do caso da nau Catarineta. Mas por outro lado, o naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, além de ter episódios próprios só dêle, os quais não estão no romance, no em que coincide com êste, coincide também com uma tradição internacional folclórica, vinda pelos menos da Antiguidade clássica, e que conta do navio errabundo que tem fome a bordo e dramas de antropofagia. O naufrágio de 1565 seria quando muito o reavivador duma tradição pelo menos latina, na memória portuguesa salgada de tanto mar.

Assim, o nome da nau Catrineta, Caterineta ou Catarineta, não designa uma nau histórica. Foi um nome como outro qualquer, dado apenas pela precisão de objetivar o símbolo, lhe dar uma imagem, um corpo. Êsse romance velho foi, provavelmente duma vez só, e por um novo refazedor da história tradicional, recomposto, ou melhor continuado rapsòdicamente, por associação de situações dramáticas, com outro tema também tradicional, o do marinheiro se afogando, a quem o Diabo se propõe salvar e pede a alma em paga do salvamento. Outra idéia tradicional ajuntada é a do "Reconhecimento" do seu passado pelo herói de torna-viagem. No caso: o Capitão reconhece suas três filhas, nas meninas da praia, avistadas pelo Gageiro. Teófilo Braga (10, III¹, p. 322) considera esta idéia "de origem puramente cristã", mais outra malícia do Gageiro-Diabo para engambelar o Capitão. Não é difícil de aceitar que haja com efeito uma tal ou qual cristianização da idéia, pela presença do Diabo tentador, mas a mim me parece que essa idéia seja antes uma transformação de tema mais universal, eternizado no episódio de Penélope, da mulher que reconhece o marido de torna-viagem. Êste último tema frequênta bastante o romanceiro ibérico. A idéia do "Reconhecimento" foi transformada por consequência da ação: em vez de ser a mulher lá da praia que reconhece o marido, é êste, ainda do mar, que reconhece nas mocinhas, suas próprias filhas.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ALMEIDA GARRET — *Romanceiro* — Lisboa. Empresa da História de Portugal. 1904.
- 2 — REVISTA LUSITANA.
- 3 — TEÓFILO BRAGA — *História da poesia popular* — 3.^a edição. Lisboa, 1902, (vol. II, p. 119 e ss.; V. principalmente p. 200 e 208).
- 4 — ALBERTO PIMENTEL — *A triste canção do Sul* — Lisboa. Livraria Central. 1904.
- 5 — AFONSO DE E. TAUNAY — *Non ducor, duco* — S. Paulo. Tip. Ideal, 1924.
- 6 — DIONÍSIO CARLI DA PIACENZA — *Il moro trasportato* — 1687.
- 7 — F. A. PEREIRA DA COSTA — *Folclore pernambucano* — Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, LXX, II.^a parte. 1908.
- 8 — PEDRO FERNANDES TOMAZ — *Velhas canções e romances populares portugueses* — Coimbra. Ed. França Amado, 1913.
- 9 — REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA — S. Paulo.
- 10 — TEÓFILO BRAGA — *Romanceiro geral português* — Lisboa. Ed. Manuel Gomes. 3 vol. 2.^a edição. 1906.
- 11 — BERNARDO GOMES DE BRITO — *História trágico-marítima* — 1736.
- 12 — COMTE DE PUYMAIGRE — *Choiz de vieux chants portugais* — Paris. Ed. Ernest Leroux. 1881.
- 13 — X. X. — *História da literatura portuguesa*, sob a direção de Albino Forjaz de Sampaio. — Lisboa. Aillaud e Bertrand. 1929 a 1932.
- 14 — TEÓFILO BRAGA — *Cancioneiro popular português* — 2.^a edição. Lisboa. Ed. J. A. Rodrigues e Cia. 1911.
- 15 — *Bibliotecas de las tradiciones populares españolas*, dirigida por Ant. Machado y Alvarez. Madrid. 1884.
- 16 — *Archivo del folklore cubano*, dirigidos por Fernando Ortiz. Havana, Cuba.
- 17 — JUAN ALFONSO CARRIZO — *Antiguos cantos populares argentinos* — Buenos Aires. Imp. Silla Hermanos. 1926.

